

EU VI UM “CAVEIRA” COM A “LAMBA” NA MÃO

I SAW A "SKULL" WITH THE "LAMBA" IN HAND

FERREIRA, Ronaldo Santos ¹
DA SILVA, Bruno Pereira ²

RESUMO

Este artigo científico foi realizado a partir de estudos no Curso de Formação de Praças e Pós-graduação em polícia e segurança pública da Polícia Militar do Estado de Goiás, conforme resolução: nº 50 de 13 de julho de 2017 do conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás e da convivência pessoal dos policiais militares, em uma instituição sesquicentenária – a Polícia Militar do Estado de Goiás (PMGO) – onde são produzidos frequentemente jargões e metáforas, proporcionando, desse modo, um trabalho mais prático, rápido e seguro aos seus integrantes. Serão exemplificados, através de algumas palavras, como os jargões na linguagem miliciano do Estado de Goiás são produzidos e porque quando são empregados, causam estranheza ao público civil, do mesmo modo que aguça a curiosidade. Será demonstrado como o léxico de uma determinada comunidade de falantes de língua natural é construído e sua relevância como pesquisa científica. Será discorrido, ainda, sobre a língua considerada inacessível, incorreta, ininteligível e marginalizada, “o jargão”, contrapondo-o à abstração comparativa que é a metáfora, no contexto específico da linguagem militar. E, a partir do convívio militar, será decifrado alguns jargões e metáforas produzidas no meio miliciano, tais como os do título do trabalho que significam que “foi visto um homem do Batalhão de Operações Especiais (Bope) com uma vara na mão, que corrige fisicamente o militar submetido ao curso operações especiais (Coesp)”.

Palavras-chave: Polícia. Jargão. Léxico.

ABSTRACT

The present scientific article was carried out from studies in the Course of Training of Squares and Postgraduate in police and public security of the Military Police of the State of Goiás, according to resolution: nº 50 of July 13, 2017 of the State council of Education of the State of Goiás and the personal coexistence of the military police, in a sesquicentennial institution - the Military Police of the State of Goiás (PMGO) - where they are often produced jargon and metaphors, thus providing a more practical, fast and safe work to its members. They will be exemplified, in a few words, as the jargon in the militia language of the State of Goiás are produced and because, when they are employed, they cause strangeness to the civil public, just as it whets the curiosity. It will be demonstrated how the lexicon of a particular

¹ Aluno do curso de Formação de Praças do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – CAPM, ronaldosantof@hotmail.com; Catalão - GO, Junho de 2018.

² Professor Orientador: Especialista, professor do Programa de Pós-Graduação e Extensão do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás CAPM, stivebruno@hotmail.com, Catalão – GO, Junho de 2018.

community of natural language speakers is built and its relevance as scientific research. It will also be discussed on the language considered inaccessible, inaccurate, unintelligible and marginalized, "jargon", opposing it to the comparative abstraction that is the metaphor, in the specific context of military language. And from the military community, some jargon and metaphors produced in the militia milieu will be deciphered, such as those in the title of the work, which means that "a man from the Special Operations Battalion (Bope) was seen with a stick in his hand, and whips the military undergone special operations course (Coesp) ".

Keywords: Police. Jargon. Lexicon.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo científico será construído com base nos estudos realizados no Curso de Formação de Praças e Pós-graduação em polícia e segurança pública da Polícia Militar do Estado de Goiás, conforme resolução: nº 50 de 13 de julho de 2017 do conselho Estadual de Educação do Estado de Goiás- onde o aluno soldado inicia sua jornada na vida miliciana, perdendo, assim, a “catinga de paisana” e tem seu primeiro contato com as expressões próprias da profissão - os chamados jargões militares. Esse tato inicial causa um certo grau de estranheza e confusão no indivíduo que vem do seio da sociedade sem o conhecimento do léxico próprio usado na Polícia Militar do Estado de Goiás. Apenas a convivência diária é capaz de proporcionar o entendimento das expressões adotadas e empregadas no militarismo da PMGO.

É interessante e relevante possuir um vocabulário próprio e estudar sobre ele, uma vez que o serviço policial necessita dispor de uma comunicação espontânea e codificada entre os militares, que pela natureza do serviço, necessitam de uma interação que seja de fácil entendimento por seus membros, bem como dificulte essa compreensão a pessoas alheias à profissão. O trabalho objetivou pesquisar a relevância da linguagem própria utilizada na Polícia Militar do Estado de Goiás (PMGO)- os jargões militares. Visa mostrar o quanto esta comunicação própria está carregada da cultura e da história da Polícia Militar Goiana. De fato, os termos e expressões utilizados pela PMGO no início de sua criação diferem e muito dos de hoje, isto porque a instituição evoluiu ao longo destes 160 anos.

Para estudar e compreender os jargões militares da Polícia Militar do Estado de Goiás foi necessário primeiramente dar um passo atrás e aprender um pouco da história do Militarismo no Brasil e posterior aprofundamento na história da seleta instituição policial goiana. Para tal foi realizada pesquisa em obras bibliográficas, sites e a convivência pessoal com o militarismo, oportunidade proporcionada pelo Curso de Formação de Praças 2017-

Especialização, em Catalão, onde os combatentes mais audazes são forjados.

Posteriormente, foi feita a constatação das mudanças ocorridas nos jargões policiais militares no Estado de Goiás ao longo da história. Principalmente pelo fato de a polícia goiana estar sempre em evolução, os termos utilizados tendem a acompanhar tais mudanças, é o que acontece com o termo “bate-paus” que já foi empregado para se referir aos policiais militares, uma vez que estes usavam um pedaço de madeira para fazer a aplicação da lei. Hoje este termo já está em estado de quase desuso, poucos civis da nova geração o conhece, no entanto, tal termo conta uma história que em algum momento viveu a Polícia Militar de Goiás.

O objetivo deste trabalho é esclarecer mais essa cultura linguística que a PMGO possui. Pois, de acordo com Maria Tereza Camargo Biderman: “O léxico de uma língua natural pode ser identificado como patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. ”. As expressões vocabulares de um grupo de falantes muito revelam sobre a sua cultura. Portanto, conhecer e estudar os jargões e expressões da Polícia Militar do Estado de Goiás é aprofundar-se mais na própria história desta sesquicentenária instituição- a gloriosa PMGO.

Por fim, o artigo científico registra alguns dos muitos termos militares que são criados a todo instante na instituição. Uma geração nova de pessoas do seio da sociedade presta concurso público e entra às fileiras da instituição Polícia Militar do Estado de Goiás. Esses novos membros trazem sua própria bagagem linguística que se soma aos jargões já existentes e acarretam na evolução da língua, pois a sociedade não para de evoluir, a Polícia Militar não para de evoluir e a linguagem também não. A língua acompanha todas essas evoluções e agregações culturais. A missão do presente artigo científico é exatamente essa, contar a história, o orgulho e a tradição miliciana em Goiás e registrar a nova riqueza linguística que é produzida a todo instante nos quartéis e Batalhões da Polícia Militar do Estado de Goiás. É importante destacar que os exemplos dados neste trabalho são apenas da Polícia Militar do Estado de Goiás. Para tais exemplificações, nosso embasamento teórico foi tomado de Biderman (2001), Vilela (1994), Burker e Porter (1997), Bagno (2007), Sousa (1999), Dubois (2004), Barreto (1922).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Evolução histórica da polícia militar do Estado de Goiás

De acordo com Cibele Souza, em seu livro: O Anhanguera, “um povo sem passado é um povo sem história”. Por esse motivo, estudar o passado da instituição Polícia Militar do Estado de Goiás é resgatar a cultura e a história miliciania local, que desde a sua fundação se confunde com a história do próprio estado. Segue um breve relato da história do militarismo no Brasil com base no autor e livros citados.

O início da proteção Colônia Brasil data de 1570 se deu na criação do Regimento de Capitães-mores. Nesse período, o Capitão-mor comandava as ordenanças, cuja missão era a defesa local e era composta por toda a população masculina excetuando-se a clero e os funcionários reais. As ordenanças eram forças reserva, equipavam-se e armavam-se por conta própria e somente recebiam soldo quando eram requisitados para ações de guerra.

Os Capitães-donatários passaram então a custear um rascunho de polícia que acabou por ser oficializada pela “correição de 24 de outubro de 1626”, criando os “quadrilheiros”, que eram os Capitães-mores de estrada e assalto, conhecidos como capitães da mata, estes se encarregavam de prender fugitivos em sua maioria escravos. Tais quadrilheiros recebiam soldo pelos serviços que empreendiam.

Após a descoberta do ouro, no início do século XVIII, foram criadas as milícias e as tropas de linha dada à precisão de estruturar o policiamento da Colônia visando garantir a arrecadação do quinto. Foi preciso organizar uma instituição militar mais estruturada, por essa razão, o Rei de Portugal enviou para o Brasil um contingente de dragões constituídos inicialmente de duas companhias.

A criação da força policial de “Goyaz” se deu quando em 1858, foi editada a resolução nº 13, de 28 de julho, que criou a força policial, por meio de um decreto do então presidente Dr. Januário da Gama Cerqueira, fixando seu efetivo em: Tenente João Pereira de Abreu, Alferes Aquiles Cardoso de Almeida e Alferes Antônio Xavier Nunes da Silva, 2 sargentos, 1 furriel e 41 praças. Na ocasião da criação da força policial, houve a contratação de muitos civis para o efetivo do policiamento local que eram os chamados Bate-paus.

Eles não possuíam instrução, com disciplina precária e não tinham qualquer garantia e só recebiam do governo uma pequena diária e ajuda de custo, a fim de que não passassem muita fome durante as diligências. A arma usada por estes civis era apenas um pedaço roliço de madeira (tipo cassetete), esse era o símbolo do poder da justiça e podiam ser utilizados na

hora de efetuar uma prisão. Alguns destes “Bate-paus” destacavam-se por qualidades de força, coragem e destreza e por isso tinham preferência nos chamados.

A nova Força Policial convivia com o 20º Batalhão do exército e esquadrão de cavalaria, ocorriam, assim, conflitos internos e grandes desmandos. Em 1863, uma área de 724m², foi comprada e destinada à construção do primeiro quartel da Força Policial de Goyaz, que abrigou o comando da corporação de 1863 a 1936 e atualmente é a sede do 6º BPM, na Cidade de Goiás.

3 METODOLOGIA

Com o objetivo de tornar a compreensão deste trabalho mais acessível ao leitor será feito, de início, um resumo da história da Polícia Militar do Estado de Goiás que proporcionará um maior entendimento ao interlocutor a respeito da evolução dos principais jargões utilizados na gloriosa ao longo do tempo. Em seguida, serão relacionados os principais jargões militares e seus respectivos significados. Por fim, será mostrada a evolução da língua no contexto jargão militar, como algumas palavras e metáforas militares tomaram outros significados ao longo da história.

Este artigo se restringirá a explicar apenas o significado de termos que não comprometam a segurança das informações utilizadas pelos Policiais Militares, evitando que sejam indevidamente divulgados e cheguem ao conhecimento de pessoas de má fé. Até porque muitos termos são códigos e assim devem permanecer.

Por se tratar de uma instituição sesquicentenária a Polícia Militar do Estado de Goiás (PMGO) tende a criar rotineiramente dialetos próprios como acontece em outras comunidades de falantes. Policiais Militares também criam jargões e expressões marginalizadas do dia-a-dia e, na maioria das vezes, são pouco explicados e compreendidos. A ausência de tais esclarecimentos pode gerar dúvidas quanto ao sentido referente. É natural que o sentido original de determinado vocábulo sofra alterações ao longo do tempo. De acordo com Biderman (2001, p. 13) o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo.

Dessa forma, o jargão militar se consolida como uma maneira em que a cultura miliciana se evidencia e se difunde ao longo do tempo. O processo de nomear coisas e seres é que cria e expande o léxico de uma língua. Biderman (2005, p. 35) afirma que à medida que se fabrica novas realidades, o homem cria novas palavras em um processo incessante. E o

léxico vai assumindo proporções gigantescas sendo praticamente impossível registrá-lo e descrevê-lo por meio de um dicionário. Segundo Vilela (1994, p. 09):

A lexicologia estuda as palavras de uma língua, em todos os seus aspectos: pode incluir a etimologia (estuda a origem das palavras), a formação de palavras, a importação de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação com a semântica. A lexicologia costuma ser definida como a ciência do léxico duma língua. Isto é, a lexicologia tem como objecto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incluindo, sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.

Para aprofundar os estudos no assunto jargões militares, faz-se necessário uma explicação a respeito desta linguagem considerada do submundo. De acordo com Burker (1997, p. 8-32), o jargão relaciona-se tanto com o ouvido do ouvinte quanto à língua. Para o autor, o jargão é um termo medieval, do submundo, usada ao longo da história por ladrões, golpistas, com o objetivo de tornar a linguagem de difícil entendimento ao cidadão comum, era, na realidade, uma linguagem para marginais.

Segundo Burke (1997) a linguagem marginalizada do submundo era apenas a mais notável, a mais audível das muitas gírias criadas por grupos sociais especiais. A percepção das linguagens especiais tornou-se cada vez mais evidente nos séculos XVI e XVII.

Para Dubois (2004, p. 356), jargão:

Foi, primeiramente, uma forma da gíria, utilizada em uma comunidade, geralmente marginal, que sente a necessidade de não ser compreendida pelos não-iniciados ou de distinguir-se do comum. Por extensão, jargão é empregado para designar uma língua que julgamos deformada, incorreta ou incompreensível.

Desse modo, o jargão nada mais é do que uma forma de interação que acontece dentro de um determinado grupo social/profissional: militares, operários, médicos e tantos outros. Visando construir uma comunicação mais rápida e eficiente com seus membros. As pessoas que não fazem parte de um grupo social que possuem um vocabulário próprio acabam não entenderem a dinâmica do jargão. Outro fator importante para instituições de segurança pública como a Polícia Militar é o sigilo. O jargão proporciona uma linguagem segura e ágil, mantendo, desta forma, a confidencialidade das informações transmitidas entre os policiais militares e garante que as pessoas alheias à profissão não tomem conhecimento de mensagens indevidas. Para Burker (1997, p.24):

O uso do jargão por um grupo social é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão. Ele expressa e incentiva um espírito de corpo, uma forma de vínculo que geralmente, ainda que não universalmente, é masculino (...). O conteúdo dos jargões da mesma forma que sua própria existência traz consigo significados simbólicos. Os jargões são ricos em metáforas e eufemismos.

Grande parte dos jargões militares são metáforas que fazem comparação com

signos linguísticos já nomeados, no entanto com um sentido bem abstrativo, tais como, os exemplos seguintes: **“Quadrada”, “Andorinha”, “Ilha/Casarão”, “Águia”, “Peba” “Morfeu” “Língua de Meleta”**. De acordo com Dubois et. al. (2004, p.411):

Metáfora consiste no emprego de uma palavra concreta para exprimir uma noção abstrata, na ausência de todo elemento que introduz formalmente uma comparação, por extensão, a metáfora é o emprego de todo termo substituído por outro que lhe é assimilado após a supressão das palavras que introduzem a comparação. A metáfora desempenha um grande papel na criação léxica, muitos sentidos figurados são apenas metáforas gastas.

É correto afirmar que quando um interlocutor aprende algum jargão, ele aprende uma nova língua, porque, ao ser assimilado um novo signo linguístico o indivíduo apropria-se do conhecimento que lhe é repassado. No militarismo, muitas outras expressões lexicais, são utilizadas e não são claras o suficiente para a pessoa leiga entender. É o que ocorre com os seguintes termos: **“Barca”, “Stive”, “Nil”, “Besouro sem asa”, “Estanho”, “Mandou pra vala”, “Sentou o dedo”, “Mandou pro saco preto”, “Lata amassada”, “Colar as placas”, “Cangaçou”, “ziou”, “Pé inchado”, “Peida pinga”, “Bebum”, “Bate-paus”**.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Aqui serão decodificados os principais jargões militares utilizados na Polícia Militar do Estado de Goiás. É importante desvendar, de início, o título do artigo: “Eu vi um caveira com a lamba na mão”, que significa: foi visto um policial de elite segurando uma vara para corrigir fisicamente os candidatos a se tornarem policiais militares de tropas especializadas. O termo **caveira**, no sentido militar da palavra, tornou-se amplamente difundido após o lançamento do filme Tropa de elite. Ele remete ao policial militar de tropa especializada, com treinamentos mais duro e intenso, os homens de preto, mais bem armados e mais temidos pelos **“Pebas”**.

A palavra **“lamba”** no contexto militar possui um significado um tanto quanto distinto, ela representa um pedaço de madeira utilizado metaforicamente como corretor de atitudes indesejáveis para um Policial Militar que se submete a fazer um curso especializado visando a tornar-se um **“caveira”**, um integrante da tropa de elite. Para isto ele é forjado, lapidado. **“A lamba”, “o cajado”** e as **“brancas nuvens”** são alguns dos meios pelos quais esse processo se acelera e evita que o militar tenha uma formação **“lixosa”** ou se torne um **“bisonho”, um “mocorongo”**. Além do mais o militar precisa ter seu nível de estresse elevado ao extremo para que seja preparado para controlar a sua **“paura”**.

O termo **“lixoso”** ou **“chulezento”** indica o mal profissional, aquele que faz as coisas **“encoxambradas”**, **“feitas nas coxas”**, sem zelo. Isso é algo que deve ser evitado na formação militar, principalmente nas tropas especializadas. O **“bisonho”** ou **“mocorongo”** ou, ainda, **“molambento”** é o aluno militar distraído, preguiçoso, lento, que erra com facilidade, desatento. Por isso **“paga milhões”**, para aprender com seus erros a tornar-se um **“vibrador”** ou **“caxias”** e evitar **“encangaçar”**, **“cangaçar”** novamente. **“Encangaçar”** ou **“cangaçar”** quer dizer errar feio, grotescamente e, ainda, **“colocar as placas”** que é o que acontece quando o policial trava em alguma situação e não consegue, em determinado contexto, desempenhar com perfeição a sua função. Já a expressão **“pagar milhões”** indica uma forma de compensação/punição física imposta ao militar em treinamento, em que ele converte seus erros em aprendizagem através de polichinelos, flexões e **“corridões”** acompanhados de **“Charlie mike”**.

“O corridão” militar é arrepiante de se ver e mais ainda de vivenciar. A tropa corre como um só corpo, tanto os pés direitos quanto os pés esquerdos dos integrantes tocam o solo respectivamente ao mesmo instante. Um militar posicionasse de forma centralizada ao lado do pelotão e puxa um **“charlie mike”** que é repetido pelos outros membros do pelotão. O **“charlie mike”** é a canção militar. As canções militares possuem valor motivacional para a tropa, tendo em vista que as suas letras pregam o orgulho militar. A canção militar motivacional e o sentimento de pertencer a um pelotão forte não deixam o guerreiro parar quando está cansado, ou fadigado. Existe uma expressão usada corriqueiramente no meio militar que diz: Quando o corpo não aguenta a **“moral”** sustenta. O **“rala”** imposto ao militar ensina a ele que sempre é possível mais. Que a mente dita um limite menor ao corpo do que o que ele pode realmente suportar. O **“rala”** é a elevação do exercício físico ao nível da exaustão, para explorar todo o potencial físico do militar. **“Moral”** no sentido miliciano, no contexto da atividade física, está mais relacionada com a motivação, autoconfiança e o desejo que o militar possui de se superar. **“paura”** diz respeito ao controle ou não da adrenalina que uma pessoa sente diante de situações de crise.

O **“andorinha”** também é outro termo que possui um significado distinto no jargão militar. Enquanto no seu sentido literal remete ao pássaro de arribação muito comum no território brasileiro, no contexto militar faz referência ao policial sonhador, voador, que está presente de corpo, mas a mente está distante do que está fazendo, por isso corre o risco de errar com mais frequência.

O aluno militar deve cumprir suas missões com perfeição para não **“pagar”** até **“baixar”**. Toda essa cobrança física por qual o militar passa pode provocar lesões que o impossibilita em muitos casos de continuar a participar de cursos de tropas especializadas. E o termo **“baixado”** refere-se justamente a esses militares machucados por conta do treinamento intenso. **“Vibrador”** é o militar que passa energia positiva, pois expressa através de todas as fibras de seu corpo a paixão por servir e defender a sociedade através da instituição Polícia Militar. Por isso é zeloso com seus equipamentos, determinado e inspirador, um verdadeiro **“caxias”** ou seja, é uma pessoa que cumpre com extremo escrúpulo as obrigações pertinentes a seu cargo e observa rigorosamente as leis e regulamentos e determinações de seu serviço, é um militar **“padrão”** que significa que é um referencial, um exemplo a ser seguido pelos demais uma vez que este é o modelo correto.

A expressão **“brancas nuvens”** refere-se ao gás lacrimogênio, arma de efeito moral, que é usada para controle de distúrbios civis, produzem efeitos como irritação nos olhos, na pele e nas vias aéreas. Todo o desconforto produzido pelo gás lacrimogênio dura entre cinco e dez minutos, é seguro para o organismo humano e muito raramente pode levar à morte. Partindo do princípio que uma das funções da Polícia Militar é a manutenção da ordem, com frequência os policiais necessitam utilizar o referido produto para manter ou restabelecer essa ordem social. Deste modo, é viável que o militar esteja habituado com os efeitos do produto no organismo e consiga administrar e suportá-los. Com base nesse pensamento, os militares especializados, durante o curso, são apresentados às **“brancas nuvens”** produzidas pelas pastilhas de gás. Tais pastilhas produzem uma fumaça branca daí advém à referida expressão. **“Um cajado”** é uma vara utilizada nas instruções para colocar as pastilhas de gás em uma ponta, isto possibilita ao instrutor segurar na outra ponta e espalhar o gás em todos os militares.

O **“Peba”** é o marginal, meliante, o agressor da sociedade. É um termo regional que segundo o dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2001) significa uma pessoa sem valor e/ou importância; reles, ordinária. É conhecido também no meio militar como o **“Lata amassada”** ou **“Lata pisada”**, que é o indivíduo sem valor para a sociedade e precisa de uma reciclagem. Tal processo de regeneração deste indivíduo ocorre na **“Ilha”**. Embora o dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001) defina **ilha** como sendo uma porção de terra não tão extensa ou incomunicabilidade com aquilo que o cerca se assemelha com uma ilha, no contexto militar o sentido remete a séculos passados em que as prisões eram construídas em **ilhas** com o objetivo de diminuir o risco de fuga dos presos. **Ilha**, portanto, falada no contexto policial militar goiano refere-se ao presídio.

“**Ilha**” possui outro cognato no jargão miliciano, é o “**casarão**”. Este termo remete à época da escravidão em que eram construídas casas grandes pelos senhores donos de escravos e os porões delas funcionavam como prisões para punir e cercear a liberdade do escravo. Desta maneira o “**lata amassada**” teme encontrar com a “**barca**” e ser levado ao “**casarão**” ou à “**ilha**”. Ao se deparar com a “**barca**” composta por “**caveiras**” o “**peba**” ou “**lata pisada**” deve entregar-se sem resistência, pois se ocorrer alguma reação contra os policiais os “**stives**” podem ser obrigados a “**sentar a pua**”, “**sentar o dedo**” e o “**peba**” pode acabar levando um “**besouro sem asa**”.

A “**barca**” da Polícia Militar do Estado de Goiás é sempre temida pelos marginais e admirada pelos “**paisanos**” que são aqueles que não vivenciam a vida miliciano, ou seja, é o cidadão comum ou civil. O modelo de “**barca**” utilizada na PMGO atualmente é uma S10, 4 portas, preto fosco. Ela é bem equipada com armamentos diferenciados das viaturas de serviço ordinário (comum), os “**stives**” que a compõem são mais bem preparados e treinados a lidar sempre com as ocorrências mais “**zicadas**” que por sua vez denota uma ocorrência problemática, complicada. Desse modo, uma viatura comum não pode ser considerada uma “**barca**”, tendo em vista que não possui tais elementos.

É comum em ocorrências “**zicadas**” e/ou problemáticas, como já foi elucidado, o policial militar intermediar conflitos. Como nos casos de briga de bar, em que um “**peida pinga**” ou “**bebum**” fere o outro com um “**língua de meleta**”. Os dois primeiros termos referem-se às pessoas com o hábito ou vício de alcoolismo, que vivem em dependência do álcool e com frequência causam algum tipo de problema relacionado à bebida. “**Língua de meleta**” é uma expressão que merece atenção. De acordo com o site trilha virtual esse termo está associado ao tamanduá-mirim:

É um mamífero que pode ser encontrado somente na América do Sul em áreas florestais, cerrados e campos. Sua cauda é semipreênsil e não possui pêlos longos, o que o diferencia do tamanduá bandeira, que possui vasta penugem na cauda. Locomovem-se apoiando os membros anteriores na parte externa, ficando as unhas livres do solo e voltadas para o lado interior do braço. Durante sua alimentação, utiliza suas garras para quebrar cupinzeiros e escavar o solo atrás de suas presas (formigas, cupins, abelhas e outros insetos). Possui uma língua comprida e pontiaguda, coberta com uma saliva viscosa, o que permite capturar o alimento em profundidades maiores. Podem comer aproximadamente 1,5 Kg de insetos por dia.

No entanto, talvez, para a surpresa do leitor, no jargão militar “**língua de meleta**” refere-se a um punhal, que é uma espécie de faca, considerada também uma arma branca na lei de contravenções penais.

A esse ponto da leitura, o autor sem dúvida está mais familiarizado com alguns dos jargões e expressões militares, no entanto, estudar a linguagem miliciano é notar a curiosidade

aumentar cada vez mais. É o caso do termo **“Stive”** que é muito utilizado e em poucos casos conhecido o seu sentido real, é derivado do termo estivado que quer dizer cheio, completo. Refere-se, portanto ao policial militar preparado completamente para resolver as situações mais adversas. Vale ressaltar que o termo também é utilizado para o policial não chamar o companheiro pelo nome durante uma ocorrência na presença dos criminosos, evitando, dessa forma, a exposição desnecessária do policial.

O termo **“Nil”** ou **“Nihil”** é um termo originado do latim e significa nada. Quando o militar afirma que tá **“Nil”** ele tá afirmando que não passa nada, que está tudo dentro da normalidade, sem novidades ou, ainda, está tudo bem.

“Senta a pua” refere-se ao grito de guerra do primeiro grupo de aviação de caça da Força Aérea Brasileira (FAB) que teve participação na segunda guerra mundial. Quando os pilotos comunicavam que avistaram o alvo, o comando esperado era o de **“senta a pua”**, ou seja, atira, manda bala. Na mesma linha, a expressão **“sentar o dedo”** ou **“sentar o aço”** designa a ocorrência em que o policial militar, para proteger a sua própria integridade física ou de terceiros, é obrigado a apertar o gatilho da **“quadrada”** e o agressor da sociedade vai **“pra vala”** ou pro **“saco preto”**. A **“quadrada”** é a pistola, o instrumento de trabalho do policial, normalmente no caso da Polícia Militar uma .40. O **“aço”** indica a munição expansiva ponta oca, utilizada na PMGO, este tipo de munição tem grande poder de parada, ou seja, faz cessar a agressão o mais rápido possível. O **“besouro sem asa”** é uma expressão que também faz alusão ao disparo de arma de fogo, tiro.

“Ir pra vala” ou **“ir pro saco preto”** é algo que o meliante, bandido ou **“larápio”** teme, porque representa algo muito pior do que simplesmente ir pra cadeia, ou viver em fuga. Tais expressões significam a morte do infrator. A polícia trabalha como promotora e garantidora de direitos, sua missão é proteger a vida e a paz social. Possui, no entanto, uma atividade de risco. Tem o dever de usar a força estritamente necessária para fazer cessar a agressão, em alguns casos o necessário é a força letal.

4.1 Evolução histórica do jargão militar na PMGO

É interessante notar a evolução da comunicação humana ao longo do tempo: como novas palavras são criadas (neologismos), de que forma palavras já existentes assumem novos significados dentro de um contexto, a derivação imprópria- palavras que nascem com determinada classe gramatical e passam a ser empregadas em outras classes. Isso ocorre porque a linguagem é espontânea, dinâmica e tende a acompanhar a evolução humana

promovida pelas novas gerações.

O escritor Marcos Bagno compara a língua a um rio, porque esta se renova ao passo que a gramática normativa permanece como água represada, sem renovação e que apenas admite mudanças quando inundadas pela forte influência da língua. Esse processo de mutação linguística ocorre de forma global na linguagem da humanidade em si, e de forma minuciosa ocorre também em grupos específicos de falantes. Como no caso dos militares. Nessa parte do trabalho esse será o tema tratado. Como alguns termos e expressões militares, inclusive alguns já apresentados ao leitor, ganharam novos sentidos ao longo do tempo ou foram substituídos por palavras mais novas que traduzem o mesmo significado.

O termo **“bate-paus”** é um exemplo disso. Como já foi explanado ao interlocutor na primeira parte deste trabalho. Tal palavra refere-se aos primeiros representantes da lei do Estado. Embora algumas pessoas civis a conheçam, atualmente é pouco utilizada, pois novos vocábulos foram sendo adotados e/ou criados e conseqüentemente usado em seu lugar. As expressões: **“os stives”**, **“os canas”** e **“os homens”** são com maior frequência utilizadas para referir-se ao policial militar. Faz-se necessário esclarecer ao leitor a origem do termo **“stive”**: deriva-se do inglês do vocábulo **“stivado”** que quer dizer cheio, completo. A utilização desse termo a algum tempo atrás só era admitida quando referida ao policial militar de tropa especializada, atualmente todos os policiais utilizam entre si tal jargão. Nota-se, ainda, o surgimento de uma nova variação deste termo que é o termo **“stivão”** é comum ouvir policiais utilizando essa palavra para cumprimentar uns aos outros. É a linguagem miliciana evoluindo e renovando-se como um rio.

O jargão **“andorinha”** já teve seu sentido militar revelado ao leitor na segunda parte deste artigo científico e como o leitor já sabe refere-se ao militar voador, desatencioso. Atualmente, embora o termo **“andorinha”** seja utilizado, observa-se que paulatinamente está sendo substituído pela expressão **“tá no graer”**. Essa evolução linguística é bastante observada no Curso de Formação de Praças de 2017/2- Especialização, turma na cidade de Catalão. Quando uma pergunta é feita a algum aluno que não estava atento, alguém acrescenta **“tá no graer”**. O **“Graer”** é o grupo de radiopatrulha área. Trata-se de um grupo de elite da Polícia Militar do Estado de Goiás que patrulha através de aeronaves. Então quando a expressão **“tá no graer”** é utilizada, fica claro que a pessoa está com o pensamento longe, voando no sentido figurado da palavra.

“Paura” já teve o seu sentido elucidado anteriormente, é relativo ao estado emocional de agitação, agonia, ocasionado por alguma situação que faz a adrenalina subir. Esse termo que nasceu como um substantivo paulatinamente começa a ser utilizado com um verbo:

“paurear”. É comum nas instruções militares, os instrutores **“paurearem”** os alunos. Quer dizer que os instrutores vão testar o psicológico dos alunos, vão tentar deixá-los com a adrenalina alta, em alerta, fazê-los perder o controle emocional, testar até que ponto o aluno militar suporta pressão psicológica. Na língua portuguesa esse processo é chamado de derivação regressiva que ocorre tanto do verbo tornando-se substantivo como do substantivo virando verbo.

É uma tarefa difícil saber se o substantivo deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. O filólogo Mário Barreto sugere um critério para tal distinção:

Se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, verificar-se-á o contrário”. (De Gramática e de linguagem, II. Rio de Janeiro, 1922, p. 247).

Desse modo palavras como dança, ataque, amparo, derivam, respectivamente dos verbos dançar, atacar e amparar. No caso das formas, âncora, azeite e escudo são primitivas e dão origem respectivamente aos verbos ancorar, azeitar e escudar. Trazendo para o jargão militar **“paura”** é uma forma nominal da qual derivou o verbo **“paurear”**.

O termo **“Nil”** já foi decodificado anteriormente, no entanto, aqui serão mostrados dois derivados recentes que está presente na nova geração de policiais que adentra às fileiras da Gloriosa PMGO. Observa-se muitos militares, principalmente os mais novos utilizarem a expressão **“Desnil”** para indicarem algo que foge à normalidade, que não está bom. No caso este “novo vocábulo” quer dizer o contrário de **“Nil”**. De forma mais tímida e mais moderna, também se nota, ainda, no sul de Goiás, na cidade de Catalão, o uso do termo **“nilzão”** para referir-se a algo que passa de bom, que está muito bem. É mais uma variação do termo “nil” que está modificando-se com o tempo. Da mesma forma que a língua evolui assim também o faz o jargão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem miliciana é particular, restrita aos membros das instituições militares. Logo o seu uso corriqueiro ocorre paralelo ao da língua principal, com pouco ou nenhum acesso a pessoas alheias à profissão. Até porque o jargão existe justamente para preservar ocultos alguns significados que assim devem permanecer as pessoas não integrante da instituição Polícia Militar. Deste modo apenas os integrantes das corporações Policiais possuem pleno acesso aos tais jargões, tendo em vistas a atividade de alto risco que exercem.

Conforme explanado ao longo deste artigo, a linguagem evolui e o jargão como linguagem paralela tende a acompanhar tal evolução social. No decorrer do curso do tempo muitos jargões passam a possuir significados diversos dos originais, outros são substituídos por novos termos. E esse processo incessante de evolução conta a história da polícia Militar do Estado de Goiás.

Desta forma, seria conveniente a criação de um dicionário de jargões militares da Polícia Militar do Estado de Goiás. Para registrar e preservar a linguagem e história institucional que se materializa através do jargão militar. Tal dicionário, obviamente deve ter seu acesso restrito aos acadêmicos da instituição e devem apenas decodificar significados que não comprometam a segurança dos termos mais sigilosos da instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **As Ciências do Léxico**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista/Araraquara/CNPq, 2001.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **Línguas e jargões**: contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CHEVALIER, Jean; GREERBRANT, Alain *et al.* **Dicionário de Símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SOUZA, Cibele. História da Polícia Militar de Goiás. In: **O Anhanguera**. Goiânia: Polícia Militar do Estado de Goiás, ano I, n. 1, 1999.

_____. **TRILHA VIRTUAL – fauna e flora**. Disponível em: <http://www.4elementos.bio.br/trilha-virtual/fauna_flora_html/tamandua.htm>. Acesso em: 07 de jun. de 2008

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. São Paulo: Coimbra, 1994.

BARRETO, Mário. **De gramática e de linguagem**, II. Rio de Janeiro: 1922.